

Estratégia de negociação pode ser lance arriscado

André Gustavo Stumpf

Brasília — A estratégia do ministro da Fazenda Dílson Funaro, para renegociar a dívida externa poderá fazer com que os bancos credores se unam em bloco e terminem impondo um acordo prejudicial ao país. Essa é a opinião de um credenciado analista da questão da dívida, que conhece o assunto por experiência própria.

Segundo essa fonte, a estratégia brasileira nos últimos anos foi a de negociar com cada banco na procura de melhores taxas e maiores prazos. Em seguida, procedia-se a uma intensa negociação em que a diferença entre as propostas originárias do sistema financeiro permitia que o Brasil conseguisse o melhor negócio. Até a véspera da declaração da moratória, no dia 20 de fevereiro, o governo brasileiro tinha três propostas dos bancos credores para renegociar seus débitos externos.

Funaro, segundo os analistas, está correndo enorme risco. Ele ouviu respostas pouco agradáveis nos Estados Unidos. Na Europa, teve de digerir duas notas oficiais — uma inglesa e outra alemã — afirmando que a renegociação da dívida é assunto para ser

tratado com os bancos. Conseguiu dinheiro em Paris, mas para financiar exportações francesas ao Brasil e, na Itália, os 57 milhões de dólares obtidos também se destinam a auxiliar vendas daquele país ao mercado nacional.

O que está impressionando os analistas da área externa é a insistência em primeiro conversar com os governos e não abrir o diálogo com os banqueiros. Essa tática — explica um técnico do sistema financeiro — poderá fazer com que os bancos sejam oficialmente informados através de seus próprios governos, o que terminará por criar um espírito de defesa entre eles. Depois — diz o mesmo informante — será mais fácil, através de uns poucos contatos, acertar uma posição comum de bancos europeus e americanos em relação à proposta a ser colocada na mesa de negociações pelo Brasil.

Outro fato que intriga os especialistas brasileiros é que, enquanto o ministro da Fazenda faz seus contatos nos Estados Unidos, Europa e Japão, os bancos se apressaram em fechar acordos com países latino-americanos, como Argentina e Chile. A possibilidade de acordo com o Brasil começa, segundo essa análise, a ficar mais difícil, porque o país está se isolando de seu bloco continental.